

Sobre o desenvolvimento românico dos sufixos latinos em C*

O paralelismo de sufixos com *c* e sem *c* em latim, sobretudo tardio¹, cfr. *oll-ula* e *olli-cula*, *camp-ellus* e *campi-cellus*, *cest-illus* e *cesti-cillus*, *alter-are* e *alter-care*, etc. continuou a desenvolver-se também com mais sufixos não apenas em latim tardio mas ainda nas línguas românicas como se vê de *manu-alis* e *manu-calis*, *ros-ulentus* e *ros-culentus*, port. *dent-udo* e siciliano *dinti-kutu* REW³ 2463, top. port. *Escach-al* e *Escacha-gal*, *foetere* e top. port. *Fede-goso*, top. port. *Pedr-oso* e *Pedre-goso* bem como *Pedr-ulha* e *Pedre-gulho*, port. *pont-ão* e top. esp. *Ponti-gón*, port. *pedir* e esp. *pidi-ón* e *pidi-gón*, port. *miar* e *mia-guido*, esp. *hondonada* (*hond-on-ada*) e asturiano *fondigonada* (*fondi-g-on-ada*), etc., etc.

A mesma base é por vezes susceptível duma variedade de sufixos em *c/g*, cfr. *clavis* e *clavi-cula*, *clavi-cella*, *clavi-carius*, *clavi-catus*; *ruri-culum* (de *rus*, *rur-is*), *ruri-calis*; *vertere* e *verti-culus* REW³ 9255, *verti-cillus* REW³ 9253, *verti-cosus*; *venter* (*ventr-is*) e *ventri-culus*, *ventri-cellus*, *ventri-cosus*, ital. dialectal *vendre-cine* REW³ 9208, esp. *ventre-gada*; *auris* e *auri-cula*, *auri-cale*, esp. *auri-cilla*; *vermis* e *vermi-culus*, *vermi-catus*; etc.

* Este trabalho constituiu a brevíssima comunicação apresentada ao Congresso de Linguística Românica realizado em Trier (Alemanha), não tendo saído nas Actas devido à entrega tardia e superlotação doutros trabalhos.

¹ Os dados citados nesta brevíssima exposição, bastante sintética por razões de necessidade nas Actas do Congresso, dados esses já constantes dos dicionários etimológicos latinos de A. Ernout - A. Meillet e de Walde - Hoffmann, *Lexicon Totius Latinitatis* de Forcellini e J. Perin e *Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis* de Du Cange (omitimos o *Thesaurus Linguae Latinae* pela mesma razão de brevidade), constam na sua maioria dum estudo-ensaio nosso de 1961 nos vol. 24 e 25 do *Boletim Cultural* da Câmara Municipal do Porto sobre a etimologia de *Portugal*, topónimo este (hoje corónimo) que, além de repetido, é escrito sempre em forma *ligada* (“Portucale”) nas formas antigas e não em forma desligada (*Portu Cale) como série de esperar na hipótese de dois nomes posteriormente aglutinados (mas devendo dar-se a inflexão vocálica *u/i* como no top. *Belliportus*). Não sendo comparável, como corónimo paroxítono, aos topónimos proparoxítonos *Triócala*, *Burdégala* (Bordeus), *Tentúgal*, etc., lembramos então a possibilidade duma interpretação sufixal românica segundo o tipo de *manualis* e *manucalis*, *pastugal* “terra de pastagens” (*pastos*), esp. *pecho* e *pechugal*, correspondendo assim *Portucale* (com *c*) à forma (sem *c*) de *portualis* “fauces, claustra montium” (Du Cange).

A linguagem popular e dialectal (tanto latina como românica) é fértil nestas formações sufixais em *c/g* por motivos vários, inclusive fonéticos como no caso de base em nasal, expressivismo, etc., cfr. *miti-citas*, *flos-cida* (cfr. *flor-ida*), e ainda sardo *sordi-go-zu* REW³ 8095 a (cfr. *sordi-cula*), *os-cedo* e *os-citare*, *cordi-citus*, *man-ciola*, *vas-cio* (cfr. *vas-culum*, *vas-cellu*), port. *fan-gueiro* “habitante de Fão” e *a-chan-gar* “nivelar” (de *chão* “plano”), etc., etc.

Perantes estes sufixos, *originariamente* começados por *c* (cfr. *clam* e *clan-culus*, *cor* e *cor-culum*, etc.) e que já mereceram a atenção de K. Brugmann², a vogal final da base temática, segundo condicionalismos que não pormenorizamos por brevidade, ora se mantinha (cfr. *umbra* e *umbra-culum*, *dies* e *die-culum*, *genu* e *genu-clu*, etc.), ora inflectia muitas vezes em *i*, evoluído em *e* em românico em bastantes casos (e depois por vezes em *a*), cfr. *campus* e *campi-culus*, *lupi-culus* e *lupi-cellus* e top. port. *Love-gada* e *Loba-gada* e *Loba-gueira* e *Loba-gal*, etc., tendo a referida vogal (sobretudo *i/e/a*), em vista da sua frequência, sido *posteriormente* considerada também como parte integrante do sufixo, não segundo a anterior estrutura *i-c...* mas segundo a posterior estrutura *-ic...*, parcialmente já vislumbrada (como fase intermédia) nos numerosos temas consonânticos, cfr. *dens* (*dent-is*) e *dent i culus* (cfr. caso oblíquo *dent i bus*), *spes* e *spe-icula* a par de *spe-cula*. O sufixo ampliado com a incorporação da vogal anterior chegou a adicionar-se a temas terminados em vocalismo diferente, etc., donde resultou uma variedade de formações mistas ou cruzadas, cfr. *pondus* (*ponder-is*) e *pondiculum* (além de *pondusculum* referido adiante), *pluma* e *plum-ecula* (cfr. *dies* e *die-culum*), *corn-uculum* e *corn-iculum* e *corn-acula*, etc. A falta de distinção entre a fase originária e a fase posterior (ampliada) dos sufixos em *c* levou vários autores³ a supor tratar-se dum sufixo *-ic/eg*, *-ac/ag*, etc. (em suma, diversos sufixos) adicionado a um outro sufixo *-al*, *-oso*, etc., o que se poderia aceitar apenas na fase posterior, embora parcialmente em virtude de *-(e)gal*, *-(e)goso*, etc. ser sentido semânticamente como sufixo unitário e não como duplo sufixo (um vocábulo derivado doutro derivado: *ic + ulus*, *osus*, etc.) e ainda pelo facto de às formações vocabulares em *-ega*, *-icus*, etc. não corresponderem *geralmente* formações (derivadas) em *-egal*,

² *Grundriss der Vergleichenden Grammatik der Indogermanischen Sprachen*, vol. II, Strassburg, 1889, pp. 250-251.

³ Por exemplo Yakov Malkiel nos seus estudos in *Miscelanea Homenaje a Andre Martinet*, vol. II, Canarias, 1958, pp. 107-187 e in *Language*, vol. 25 (1949), pp. 139-181.

'egosa, etc. mas apenas esporadicamente, cfr. top. port. *Pontega* e top. esp. *Pontigal*, etc. Nem sempre se observa (aspecto diacrónico) a inflexão vocálica *i/e/a* (sendo o grau *a* por vezes ocasionado por outros factores fonéticos), quando se trata de recente formação românica (aspecto sincrónico), cfr. port. *pasto* e *pastugal* "terra de pastagens", port. *sapo* (ou *cepo*) e top. port. *Sapugal* perante *Sapagal*, *murú/muro* e top. port. "Murugal" em 1219⁴ e moderno *Muragal*.

As formações sufixais em *c*, além de poderem assentar simplesmente no tema (com a vogal temática mantida ou inflectida em *i/e/a*), também aparecem alicerçadas nas formas nominativas com *s*, etc., resultando assim por vezes formas duplas, cfr. *pondus* e *pondus-culum*, *fames* e *fames-citas* (cfr. *plebi-citas*), *pulvis* e *pulvis-culus*, *domus* e *domus-cula* (perante *domi-cula*), *uter* e *uter-culus* (perante *utri-culus*), *rus* (rur-is) e *rus-culum* (perante *ruri-culum/rur-iculum*), havendo ainda formas em *is* como fruto de cruzamento da nominativa em *-us* com a inflectida em *i*, cfr. *carpus-culum* e *carpisculum*, *portus* e *portisculus*, *bonuscula* e *boniscula*, *campi-culus* e *campisculus*, tendo-se posteriormente considerado como incorporado no sufixo o *s* da forma nominativa *-us* e da cruzada *-is*, resultando assim um sufixo ampliado *-sculus*, *-scalis*, etc., cfr. *herba* e *herb-uscula*; *ventr-iscula/ventrecha* REW³ 9211; *ramus* e *ramus-culus* (perante *rami-culus*), *ramus-cellum* REW³ 7036, top. port. *Ramisqueira* e *Remisquedo/Ramisquido* e *Ramiscal* e *Ramiscosa*, etc. (não deixando de haver noutros casos também derivados de derivados em *sc*, isto é, *-asco*, etc. + *-al*, etc.).

A nasal final de certos temas, no género de *draco* (*dracon-is*) e *dracun-culus* / port. *draguncho*, *vermen* (*vermin-is*) e *vermin-cula*, *latro* (*latron-is*) e *latrun-culus* e top. port. *Ladron-queira*, depois de numa fase intermédia ter contaminado de nasalação outras vogais orais temáticas (inclusive *a*), cfr. *domus* e *domuncula*, *parvus* e *parvunculus*, port. *pocilga* (< *porci-cula) e cast. *porcingla*, *graecu* e *graecingarium*, ital. *pozza* e *pozzanghera* REW³ 6877, esp. *caña* e *cañ-azo* e *cañangazo*, top. port. *Arcu-zelo* e fr. meridional *arcunsel* REW³ 618, acabou posteriormente por ser considerada parte integrante do sufixo, cfr. *pes* (*ped-is*) e *ped-unculus* (perante *pediculus* e *pedusculus*), *piscis* e *pisci-unculus* (perante *pisciculus*), *aetas* (*aetat-is*) e *aetat-uncula*, *caro* (carn-is) e *car-uncula*, *terra* e *terr-uncula* (perante *terri-cla*), *ferv-ere* e *ferv-unculus*, etc.

O vocalismo que antecede a consoante sufixal *c/g* é por vezes determinado pelo doutras formações do mesmo tema (forma simples e outras

⁴ Arquivo Distrital de Braga, *Livro das Datas* do mosteiro de Fiães (Melgaço) folha 52 verso.

formações sufixais), cfr. *navale* e *navaculum*, *mustela* e *mustecula*, port. *pio-guinha* “pião pequeno” (de **pioa*, feminino de *pião* como *patroa* de *patrão*), *manu-alis* e *manu-calis*, port. *ratoeira* (de *rato*) e *ratoqueira*. Nos temas em *u* a vogal temática é bastante persistente (cfr. *partu-alis*, *vultu-osus*, etc.) mas nem sempre em virtude de confluência destes temas em *u* com os temas em *o* e daí a duplicidade (e alternância) da inflexão vocálica *u/i* e *i/u*, cfr. *genu* e *genu-clu* a par de *geni-clu*, *portu-cellu* e *porti-cellu* e top. port. “*Porte-guido*” em 1258⁵, *manu-cula* e *mani-cula*, etc., continuando a mesma duplicidade até nos sufixos ampliados com a vogal temática *u/o* como *-uosus*, *-oeira*, etc., cfr. *ventr-uosus* e *ventr-iosus*, *portualis* (em Du Cange) e top. port. *Porteal*.

Se a série sufixal latina em *c* como *-culu*, *-cellu* e *-cinu* (pronunciados *kellu*, *kinu*) etc. se prolongou na românica *-calis*, *-caria/queira*, etc., por outro lado, ao aparecer em latim vulgar a pronúncia assibilada da consoante *c* antes das vogais palatais *e* e *i* como no caso dos sufixos *-cellu* e *-cinu* (pronunciados *çellu/zellu*, *çinu/zinho*), começa a desenvolver-se também em românico outra série de sufixos em *ç/z* (*-çal/zal*, *-ceiro/zeiro*, etc.), cfr. esp. *camp-al* e *campi-zal*, port. *lam-eiro* e *lami-ceiro*, *liber* e *liber-zolus* (cfr. *liber-culus*), top. esp. *Portizó* e top. port. *Arcuçó*, etc., sufixos esses que posteriormente acabaram por incorporar a vogal anterior, tendo alguns autores⁶, por desconhecimento deste facto, julgado tratar-se de derivados em *-ellu*, *-inu* etc. doutros derivados em *-ic/-ec* etc. (*ic* + *ellu*). A coexistência dos sufixos em *c/g* com *ç/z* aparece por vezes nos mesmos radicais: port. *pastugal* e esp. *pastizal*, esp. *terregal* e *terrizal*, esp. *pallugada* e *palluzada*, top. port. *Lapagueira* e *Lapaceiras*, esp. *llepar* “comer” e *llepugaina* perante port. *comer* e *comezaina*, etc. Também a nasal que antecedia os sufixos em *ç/z*, cfr. *leão* e *leon-zete*, esp. *melón* e *melon-cete*, port. *ladrão* e *ladran-zana*, etc., contaminou numa fase intermédia outras vogais temáticas orais, cfr. port. *peru* e *perunzete*, port. *corvanceira* a par de *corvaceira*, port. *verdizela* e *verdinzela* (cfr. *verdengário*), etc. e acabou até por incorporar-se no próprio sufixo, cfr. port. *corpo* e *corp-anzil*.

Eis, pois, vislumbradas algumas perspectivas para o estudo deste tipo de formações sufixais nas línguas românicas. É este o fim do presente trabalho. Finalmente, anote-se que Guy Serbat no seu notável estudo *Les Dérivés Nominaux Latins à Suffixe Mediatif*, Paris, 1975, p. 275 ainda não esclareceu a origem da estrutura de *caprunculum*, *carpisculum*.

⁵ Portugaliae Monumenta Historica, *Inquisitiones*, p. 331.

⁶ *Vox Romanica*, vol. 31, fasc. 1, Bern, 1972, pp. 105 ss.

ABREVIATURAS

top. = topónimo
port. = português
esp. = español
cast. = castelhano
ital. = italiano
fr. = francés.

DOMINGOS A. MOREIRA